

A Representação da Morte em Algumas Mídias Nacionais¹

Angélica Xavier DA SILVA²

Larissa Alves CARDOSO³

Wilker Vinícius Ferreira DE OLIVEIRA⁴

Anielle Aparecida Fernandes de MORAIS⁵

Márcia Mariano Raduan CAETANO⁶

Instituto de Ensino Superior de Rio Verde, Rio Verde, GO

RESUMO

Partindo do objetivo de analisar a representação da morte em algumas mídias, podemos considerar que a morte é ainda um assunto considerado complexo, porém, com abordagens midiáticas superficiais e quase sempre semelhantes, apresentando o lado estritamente negativo. Geralmente, a mídia representa a morte de maneira triste, outras vezes, de forma trágica. Neste artigo, pretende-se estudar algumas representações sobre a morte veiculadas em meios de comunicação de massa. Livros e artigos foram consultados para se atingir os objetivos do estudo bibliográfico proposto. Posteriormente, foram analisadas algumas amostras de mídias nacionais, sendo elas, três exemplares de mídias audiovisuais e um exemplar do jornalismo impresso.

PALAVRAS-CHAVE: morte; representação; mídia.

1 INTRODUÇÃO

A morte constitui uma questão complexa especialmente para o mundo ocidental e, por isso, é assunto constante nas diversas mídias. O que é considerado o fim da vida pode ser explicado de várias formas: científica, religiosa, social, cultural, etc.

Nos meios de comunicação o tema está, geralmente, associado a tragédias diversas, mas também aparece conectado à questões e explicações religiosas trazidas à tona, em grade

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 12 a 14 de junho de 2017. Artigo científico vinculado ao Programa de Iniciação Científica do Núcleo de Planejamento e Pesquisa do Instituto de Ensino Superior de Rio Verde.

² Acadêmica do curso de Jornalismo e integrante do Programa de Iniciação Científica do Núcleo de Planejamento e Pesquisa do Instituto de Ensino Superior de Rio Verde, e-mail: angelicaxavierdasilvaa@gmail.com

³ Acadêmica do curso de Jornalismo e integrante do Programa de Iniciação Científica do Núcleo de Planejamento e Pesquisa do Instituto de Ensino Superior de Rio Verde, e-mail: larissaacc@gmail.com

⁴ Acadêmico do curso de Jornalismo e integrante do Programa de Iniciação Científica do Núcleo de Planejamento e Pesquisa do Instituto de Ensino Superior de Rio Verde, e-mail: wilkervfo@hotmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Professora dos cursos de Comunicação Social/ Jornalismo e Publicidade e Propaganda, do Instituto de Ensino Superior de Rio Verde, e-mail: aniellemorais@gmail.com

⁶ Coorientadora do trabalho. Professora dos cursos de Comunicação/Jornalismo e Publicidade e Propaganda, do Instituto de Ensino Superior de Rio Verde, e-mail: marcia@faculdadeobjetivo.com.br

parte, pelas religiões cristãs. Assim, parte-se da hipótese de que a morte na mídia quase sempre tem estas duas abordagens: religiosa e trágica.

O objetivo deste artigo é estudar as representações em quatro suporte midiáticos: o telejornal “Jornal da Anhanguera”, dois programas de TV, “Viver com Fé” e “Pé na Cova”, além de um jornal impresso, o “Extra”. Procurou-se diversificar os programas a fim de estudar a maior variedade possível de abordagens sobre o assunto.

Durante a pesquisa, foi feito um estudo bibliográfico, para estudo do material já publicado sobre o tema. Posteriormente, foi executada uma análise comparativa de fragmentos de comunicação dos meios de comunicação citados acima, a fim de verificar o grau de tratamento editorial dado ao tema e as representações criadas sobre ele.

2 METODOLOGIA

Na visão de Eco (1977), ao fazer um trabalho científico, o pesquisador estará aprendendo a colocar suas ideias em ordem, no intuito de organizar os dados obtidos. “O objetivo de um trabalho científico é atender a um determinado propósito pré-definido, assim, o uso do método específico torna-se essencial para garantir o alcance do que foi planejado”. (OLIVEIRA, 2011, p.8).

A metodologia é o caminho de tudo, é o cronograma, a bússola, pois com ela executa-se uma pesquisa válida que usa todos os métodos e técnicas necessários para a comprovação ou não do problema em questão sendo analisado.

O tema foi estudado sob uma perspectiva qualitativa, que não se preocupa com números, mas sim com o aprofundamento da abordagem.

Para Godoy (1995, p. 58):

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental. Os estudos qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural estudada. A melhor maneira para se captar a realidade é aquela que possibilita ao pesquisador colocar-se no papel do outro vendo um mundo pela visão dos pesquisados.

Para o estudo qualitativo do tema, empreendeu-se, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica e teórica. De acordo com Marconi; Lakatos (2010, p. 166): “A pesquisa bibliográfica abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico”. As autoras explicam ainda que a finalidade deste tipo de pesquisa é

colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que já foi escrito sobre o assunto pesquisado.

O autor Antônio Carlos Gil (2008, p.4) classifica algumas fontes bibliográficas importantes:

Publicações periódicas são aquelas editadas em fascículos, em intervalos regulares ou irregulares, com a colaboração de vários autores, tratando de assuntos diversos, embora relacionados a um objetivo mais ou menos definido. As principais publicações periódicas são os jornais e as revistas. Estas últimas representam nos tempos atuais uma das mais importantes fontes bibliográficas.

Desse modo, livros e artigos foram estudados para melhor entendimento sobre a morte e sua representação midiática.

E, para análise das semelhanças e diferenças entre os fragmentos midiáticos que retrataram a morte, foi utilizado o método comparativo, que permitiu um estudo das seguintes categorias: linha editorial das amostras, abordagens ideológicas, propósitos comunicativos, dentre outros aspectos.

Para Gil (2008, p.16-17):

O método comparativo realiza comparações com a finalidade de verificar semelhanças e explicar divergências. “Sua ampla utilização nas ciências sociais deve-se ao fato de possibilitar o estudo comparativo de grandes grupamentos sociais, separados pelo espaço e pelo tempo. (GIL, 2008, p. 16-17).

Já para Marconi; Lakatos (2007, p.107): “O método comparativo permite analisar o dado concreto, deduzindo dos mesmos os elementos constantes, abstratos e gerais”.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A morte e as religiões

Para os cristãos ligados ao catolicismo, a morte está relacionada a três mundos: o Céu, o Inferno e o Purgatório. Cada um desses têm o seu significado e cada um tem o seu papel para a alma que não volta mais para a terra seguirem eternamente ao lado de Deus.

Os que morrem na graça e na amizade de Deus, e que estão totalmente purificados, vivem para sempre com Cristo. São para sempre semelhantes a Deus, porque o vêem, tal como ele é. (BÍBLIA, JÓ, 3:2).

Segundo o catolicismo, quando o ser humano morre, a sua alma é julgada por todos os atos que fez durante a vida na terra; se tiver o perdão vai para o céu, onde vai viver eternamente do lado de Deus. Se for condenado, ou seja, se os seus atos na terra não tiveram o perdão de Deus, assim, será o inferno o destino final. Há também, para o catolicismo, o purgatório, eles acreditam que o purgatório não é um lugar, mas um espaço onde se tem a “segunda chance” para aqueles que não foram direto para o inferno. No purgatório as almas recebem uma chance de purificação de todos os seus pecados até o Juízo Final.

Para os protestantes, a morte, espiritual ou física, é uma separação. Os evangélicos acreditam que o conceito de morte começa na bíblia, no livro de Gênesis. Para eles, a morte teve início quando Deus disse a Adão que não comesse da árvore do conhecimento do bem e do mal. Deus teria revelado que a consequência da desobediência seria a morte no mesmo dia do pecado. (BÍBLIA, GÊNESIS 2: 17).

A morte física também é uma separação. Segundo a bíblia, quando o corpo está separado do espírito, ele está morto. Os protestantes acreditam que após a morte o corpo se tornará pó e voltará à terra, como era, e o espírito voltará a Deus, que o deu.

O protestantismo acredita ainda que um dia Jesus Cristo voltará para buscar os fiéis e acabar com tudo que há na Terra. Aqueles que morreram como fiéis, ressuscitarão e morarão com Deus no céu, de acordo com a crença dos protestantes. De acordo com esta teoria, corpo acabará, mas a alma ficará junto a Deus. Aqueles que não foram fiéis e não obedecerem, terão suas almas para sempre atormentadas e não gozarão de repouso e descanso.

A morte para os cristãos não é uma punição ou o pagamento de pecado. Quando a bíblia cita que o salário do pecado é a morte, a referência não é à morte física e sim à morte espiritual. (MELLO, VALLE, 1999).

Para a Doutrina Espírita, antes de tudo, a morte não é o fim. O papel e o significado da morte para o Espiritismo teriam sido revelados a Kardec, cuja missão foi mostrar aos que creem nesta doutrina o que ocorre após o desencarne (morte). Os espíritas denominam a morte como desencarne. (KARDEC, 2005).

Diversos outros espíritas, como o médium Chico Xavier, contribuíram para elucidar e apresentar uma visão de morte como uma passagem para o que a doutrina chama de verdadeiro mundo, o mundo espiritual.

Segundo Kardec (2005), a vida terrestre, em um corpo físico, bem como a vida no plano espiritual, em um corpo sutil, são apenas etapas para o aperfeiçoamento e o aprendizado

do espírito. Assim, ao morrer as almas vão para o mundo espiritual levando na bagagem tudo o que aprendemos nessa passagem terrena.

A desencarnação (morte), para o espiritismo, é encarada como apenas mais um estágio da vida espiritual – considerada a verdadeira vida. Não é compreendida como uma cisão definitiva entre as pessoas que se amam, mas apenas uma separação temporária no mundo físico.

3.2 Representação Social na Comunicação

Os meios de comunicação de massa, desde quando chegaram no Brasil, como o rádio em 1922 e a televisão em 1950, já atraíam as atenções de muitas pessoas, pelo fato de transmitirem informações de muitos lugares e os receptores não precisarem sair do seu conforto para recebê-las. (EURICO, 2017).

Mas a partir do momento em que os meios de comunicação passaram a ser inseridos cada vez mais no cotidiano das pessoas, e sendo tratados como veículos de informação de confiança, alguns estudiosos viram a preocupação de estudar a representação que os veículos de comunicação têm na sociedade.

Serge Moscovici buscou estudar através de teorias deixadas por Émile Durkheim, a *representação coletiva*, e queria desenvolver alguma teoria sobre representações sociais no campo da Psicologia Social. Para Moscovici (1978): “A preocupação não é mais com o que é comunicado, mas sim com a maneira com que se comunica e com o significado que a comunicação tem para o ser humano” (ALEXANDRE, 2017, p.112).

A notícia veiculada deixou de ser o centro das preocupações e agora o foco está na maneira de como a notícia é comunicada devido à diversidade de pensamentos e ideologias da sociedade, que tem recebido cada vez mais informações. O entendimento e interpretação destas informações são feitos de acordo com diversos fatores pessoais do receptor.

O método mais completo de comunicação entre as pessoas é o da linguagem. Emissor e receptor não inventaram o meio de comunicação que utilizam, mas receberam do grupo ou sociedade a que pertencem. O comportamento comunicativo tem um campo de ação amplo. A linguagem não pode ser tratada separadamente do complemento humano, nem do padrão emissão-recepção (estímulo e resposta). Sob influência da Psicologia, da Sociologia, da Comunicação e da representação social, hoje em dia se reconhece que os estímulos e respostas não ocorrem isoladamente, mas agrupam-se em padrões, ou seja, não se pode restringir os estudos desses fenômenos apenas a uma questão fonética, semântica, semiológica. (ALEXANDRE, 2017, p.119).

O papel do jornalista, embora o fato de muitos estarem contratados em empresas de comunicação que visem o lucro, é o de não se alienar e induzir o seu público, seja a comprar um produto ou para ter uma qualidade de vida.

O campo jornalístico impõe sobre os diferentes campos de produção cultural um conjunto de efeitos que estão ligados, em sua forma e eficácia, à sua estrutura própria, isto é, à sua estrutura própria, isto é, à distribuição dos diferentes jornais e jornalistas segundo sua autonomia com relação às forças externas, as do mercado dos leitores e as do mercado os anunciantes. (BOURDIEU, 1997, p. 102).

A comunicação surge junto com o homem e com o passar do tempo as formas de se comunicar foram evoluindo. O modelo de comunicação segundo Benedict (1966 apud Mello; Valle, 1999, p.31) refere-se como “um fenômeno diretamente relacionado aos seguintes elementos culturais: o domínio do fogo, a linguagem e as ferramentas de pedra.”

A sentença comunicação é derivada do latim “*communicare*”, é um processo que envolve a troca de informações. Estão envolvidos neste processamento uma imensidade de maneiras de se comunicar, é codificada num sistema de sinais definidos como gestos, sons, linguagem natural, ou outros códigos que possuem um significado, e transportada até o destinatário por meio de canais de comunicação. Através da comunicação, partilhamos diferentes informações entre si, tornando o ato de comunicar uma atividade primordial para a existência em comunidade. Alexandre refere-se que:

A informação é o maior investimento do comunicador. Ela se torna fundamental para o conhecimento, tanto para os profissionais da mídia como para outras profissões. (ALEXANDRE, 2017, p. 69).

Lage (2004) ressalta que a comunicação é a forma como os cidadãos se conectam entre si, subdividindo e trocando experimentos, ideias, sentimentos e informações. Refere-se que antes do aparecimento dos meios tecnológicos de divulgação de notícias como TV, rádio, internet entre outros, os meios de comunicação usados eram físicos.

A linguagem utilizada na mídia não pode ser tratada de maneira isolada, assim como o que é entendido pelo receptor, também não. Cada receptor tem um entendimento diferente do que está vendo, ouvindo e lendo e isso não se deve somente a linguagem que é utilizada pelos meios de comunicação, mas também pelos fatores que cada ser humano carrega: psicológico, social, cultural e tantos outros. (LAGE, 2004).

4 ANÁLISE DOS PROGRAMAS

4.1 A Representação religiosa da morte em “Viver com Fé”

“Viver com Fé” é um programa apresentado por Cissa Guimarães, disponível no canal online do GNT. O programa aborda histórias sobre a perda de entes queridos, doenças graves, ou seja, situações associadas à morte ou à possibilidade de morte. As fontes se compõem de pessoas com diferentes crenças espirituais, tais como catolicismo, protestantismo, espiritismo, budismo, dentre outras religiões.

O propósito comunicativo do programa é informar o público-alvo sobre testemunhos de pessoas que passaram por problemas e dificuldades semelhantes e que buscam encontrar respostas e soluções para eles.

Um dos programas, exibido em 08 de maio de 2013, apresentou um personagem que vivenciou a morte em período recente àquela veiculação. Ângela perdeu a filha de quatro anos de idade por causa de uma meningite. A roteirização do programa perpassa a abordagem religiosa da morte, mostrando que, à época, a personagem procurou conforto e entendimento na fé católica, porém, depois de alguns anos, encontrou no budismo o aconchego de que precisava, segundo ela própria relata. (VIVER..., 2013).

Ao longo do programa, observa-se que a representação da morte assume uma conotação emotiva, que faz com que o telespectador se identifique com o tema a partir de uma perspectiva mais sentimental. É comum constatar esse tipo de representação quando há a associação entre a morte e algumas religiões, o foco narrativo da comunicação costuma se concentrar em explicações bíblicas e/ou dogmáticas, visando sempre à resiliência humana em lugar da compreensão puramente racional.

4.2 Representação trágica da morte no Jornal da Anhanguera e no Extra

Um dos princípios básicos do Jornalismo é informar sobre assuntos de interesse público. (LAGE, 2004). Notadamente, a violência e, por consequência, a morte, é um assunto que se destaca nas mídias jornalísticas. Toma-se como exemplo uma notícia veiculada em 12 de setembro de 2016, no Jornal da Anhanguera, exibido pela TV Anhanguera, de Rio Verde, Goiás. A notícia trouxe os seguintes dizeres:

Agora olha só que história triste, um jovem foi assassinado em uma tentativa de assalto em Aparecida de Goiânia. A mãe, quando soube da morte do filho, também morreu. (TV ANHANGUERA, 2016).

Pelo fragmento destacado acima, depreende-se que o jornalista inicia a abordagem do tema definindo como “triste” a morte de mãe e do filho. A notícia se trata de um homicídio, assunto comumente supervalorizado e espetacularizado pelos veículos.

Muniz Sodré (2006) explica o seguinte:

De modo análogo ao da forma vazia da lei, o fenômeno estético [...] induz à experiência de uma forma consensual esvaziada de qualquer conteúdo, acionada tão só por aspectos emocionais ou sensoriais em busca de uma universalidade plebiscitária. Nada de tensão nem de conflito, apenas a fantasia espetacularizada do consenso. (SODRÉ, 2006, p. 190)

Dessa maneira, pode-se perceber que mais do que contar um fato em seus pormenores, a construção noticiosa, neste caso, vincula a morte a duas tragédias: primeiramente a morte do rapaz por homicídio e, depois, a morte da mãe ao saber do assassinato do filho. A notícia reproduz a ideia de que a morte da mãe está diretamente associada à morte do filho, sem levantar qualquer questionamento, por exemplo, acerca de possíveis fatores, situações ou doenças pré-existentes que a mãe pudesse ter, por exemplo. Ou seja, a partir do jornal, há a construção de uma “verdade”: de que a morte não foi natural e, sim, provocada. Isso leva o telespectador a concluir que ao invés de um assassinato, ocorreram dois: o do filho e o da mãe.

Em outra reportagem da TV Anhanguera Rio Verde, transmitida no dia 26 de agosto de 2016, tem-se:

E mais uma pessoa sofreu uma tentativa de homicídio em Rio Verde. Adrik Barros de 22 anos foi alvejado no ombro esquerdo quando andava pela rua no Bairro Eldorado. O rapaz foi socorrido pelo corpo de bombeiros e levado para a Unidade de Pronto Atendimento. **A polícia militar disse que Adrik já tem passagens por roubo e tráfico.** (TV ANHANGUERA, 2016, grifo nosso).

Neste caso, observa-se novamente o relato de uma tragédia que termina com uma morte, no entanto, não se percebe no texto a mesma carga emocional vista no fragmento anterior. Ao contrário, por se tratar de uma pessoa com histórico criminoso, observa-se tentativa por parte do jornal de justificar o assassinato do rapaz e de “naturalizar”, ou seja, de banalizar a morte neste caso. Isso pode ser percebido através da última frase que diz: “A polícia militar disse que Adrick já tem passagens por roubo e tráfico”. Ou seja, a construção

noticiosa leva o telespectador a interpretar que o rapaz foi assassinado por algum motivo relacionado à suas práticas ilegais anteriores.

Outro caso do mesmo tipo foi verificado no jornal Extra, em uma reportagem do dia 25 de novembro de 2009. A notícia reporta a morte de um criminoso durante uma ação e como ela se tornou motivo de comemoração. Esta morte é tratada como uma tragédia de menor grau.

RIO - A comerciante Ana Cristina Garrido, de 48 anos, que passou cerca de 40 minutos em poder de um bandido na Rua Pereira Nunes, na Tijuca, contou que chegou a desmaiar durante a ação, na manhã desta sexta-feira. A dona de uma farmácia, que prestou depoimento durante quase uma hora na 20ª DP, em Vila Isabel, disse ainda que ao tentar sair da farmácia, o criminoso deu uma gravata nela e disse que ela era a única pessoa que poderia tirá-lo dali. 7 **O criminoso, identificado como Sérgio Ferreira Pinto Júnior, de 24 anos, tinha duas passagens pela polícia.** A delegada Renata Rocha, da 20ª DP, disse que as duas passagens foram nos anos de 2005 e 2008, por porte ilegal de armas e furto. O crime aconteceu por volta das 9h30m. Segundo a polícia, depois de uma hora de negociação, o bandido saiu da farmácia com a refém e andou alguns metros quando um atirador de elite, o major Busnello, chefe da 3ª Seção do 6º BPM (Tijuca), aproveitou o momento em que a refém desmaiou e fez um disparo de fuzil. O bandido foi baleado na cabeça por e morreu a caminho do hospital. O major Busnello, que foi muito aplaudido pelos moradores da região depois da ação, estava a uma distância de 40 metros do bandido. Ele contou que já estava posicionado havia uma hora e meia, em local que ele não quis informar, acompanhando o desenrolar do caso. A partir do momento que recebeu uma ordem do comandante, coronel Fernando Príncipe, ele aproveitou **a oportunidade** para fazer o disparo. [...] (EXTRA, 2016, grifo nosso).

No fragmento acima, destacam-se duas informações relevantes. A exemplo do ocorreu no segundo exemplo retirado do Jornal da Anhanguera, analisado anteriormente, também o Extra reporta o fato e, em seguida, justifica a morte do assaltante por meio da seguinte construção textual: “O criminoso, identificado como Sérgio Ferreira Pinto Júnior, de 24 anos, tinha duas passagens pela polícia”.

Mais abaixo, na última frase do excerto, o jornal descreve a ação do policial que atirou no assaltante como uma “oportunidade”, o que demonstra uma posição ideológica de que acha justificável a tragédia.

4.3 A Representação cômica da morte em Pé na Cova: uma abordagem fora do padrão

O seriado brasileiro “Pé na Cova”, produzido pela Rede Globo, vai de encontro às representações analisadas anteriormente por se tratar de um programa que aborda o tema

morte de maneira irônica, engraçada. Ele tem como cenário principal a funerária chamada “Fui”, de onde vem o sustento principal da família protagonista.

A linguagem do seriado é simples, clara, bem-humorada e transmite bastante ironia. A comicidade está presente desde a abertura, acompanhada por um tema musical entoado pela cantora Martnália. E “Pé na Cova”, o cenário tem cores claras e vivas, fundos musicais animados, as roupas dos personagens são completamente inusitadas.

A partir da letra da música que toca na abertura é possível reconhecer a maneira pouco convencional com a qual o tema morte é tratado. O refrão da música diz: “Todo mundo sabe, mas não a hora, fique tranquilo a sua vez vai chegar; todo mundo sabe, mas ignora, devagarinho a sua morte vai chegar. Fui...” (MARTNÁLIA, 2016)

O tema morte no seriado raramente passa pelo sofrimento, o que demonstra que o propósito comunicativo do programa é apresentar uma nova perspectiva sobre o tema e, com isso, traçar maior aproximação com o público.

Os personagens discutem ao longo de todo o programa; mencionam que desejam músicas alegres em seus velórios, discutem sobre as roupas que irão usar para serem enterrados e tudo isso com vibração e alegria. Cininha Paula, diretora-geral, define a série como uma comédia realista, o "realismo doido". O seriado mostra uma família que o cenário principal é a funerária e passa a ideia, segundo o protagonista, que “é um grupo de pessoas excêntricas ao limite, que beiram o absurdo e sobrevivem da morte”. (TV GLOBO, 2016).

No episódio exibido em 29 de setembro de 2015, o seriado se inicia com luzes escuras e uma música lenta, característico das representações midiáticas que ligam a morte ao sofrimento. No episódio, os personagens estão se preparando para uma festa de casamento; a personagem Luz Divina, vestida de amarelo e de pernas à mostra, afirma que a roupa poderia servir o para seu velório e sepultamento. E acrescenta: “Na verdade, eu queria algo mais sexy. Quero que os anjos fiquem loucos com meu corpo”. Darlene, personagem interpretada por Marília Pêra, logo rebate: “Então vai nua boba, pede para ser enterrada em um lençol”. (TV GLOBO, 2016). Por esta cena, observa-se que a morte é um assunto corriqueiro e também motivo de piada.

O episódio exibido em 07 de fevereiro de 2013 apresenta, de início, pessoas sambando, com roupas coloridas e cenas filmadas no cemitério, com uma música entoando o refrão: “Quero morrer no carnaval”. Neste mesmo episódio, o personagem Russo, interpretado por Miguel Falabella, afirma em tom de brincadeira que não irá festejar o carnaval porque trabalhará na funerária, já que nesta época observa-se grande aumento no número de mortes. Ele diz: “Eu sempre aviso: carnaval é época de dormir com as pernas

abertas porque se fechar o bicho pega”. As pessoas com as quais ele está conversando estão fantasiadas e brincam dizendo: “Vai ser tipo uma queima de estoque do carnaval: Aproveite o carnaval e compre seu caixão! Vai chover morto”. (PÉ NA COVA, 2016).

“Pé na Cova” retrata a morte de uma forma bem humorada. O protagonista da série, Miguel Falabella afirmou, em entrevista, que “no Brasil, a morte tem uma pegada muito mórbida e imaginei que seria banal fazer comédia com o tema e por isso se tentaria buscar uma ‘leveza’”. (TV GLOBO, 2016).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscou-se realizar um estudo bibliográfico seguido de uma análise comparativa acerca da representação da morte em algumas mídias de massa nacionais. Observou-se, pela pesquisa, uma tendência a duas formas de representação mais comuns: sob perspectiva religiosa, sentimental e dogmática, como se vê no programa “Viver com Fé”, apresentado por Cissa Guimarães, e sob uma perspectiva trágica, em que são apresentados fatos tristes relacionados à morte. Isso é mais comum na mídia jornalística quando esta reporta casos envolvendo assassinatos, como se observou na análise de uma das reportagens veiculadas pelo Jornal da Anhanguera, em que a mãe morre após saber do assassinato do filho.

Há também um terceiro tipo de abordagem, presente mais recentemente na mídia brasileira, e bem menos comum: o tratamento cômico da morte, trazido pelo programa de TV da Rede Globo, “Pé na Cova”. O seriado trata o tema de maneira menos formal, mais natural e quase sempre de forma irônica e engraçada.

Neste sentido, pode-se considerar que a representação da morte é ainda veiculada com base em dois princípios, a tristeza e a tragédia. No entanto, já se verifica uma tendência à naturalização do tema e seu tratamento como algo normal, que não foge a outros fatos comuns da vida e do dia a dia.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, M; artigo: **O Papel da Mídia na Difusão das Representações Sociais**. Disponível em: < <http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/opapel.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2017

BÍBLIA. N. T. **Bíblia sagrada**: contendo o antigo e novo testamento. Tradução de José Luiz Gonzaga do Prado. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1990.

ECO, U. **Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas**. Trad. Ana Falcão Bastos e Luís Leitão. Lisboa: Editorial Presença, 1977.

EURICO, A. V. P. J; artigo: **Jornalismo e Representações Sociais**: Algumas Considerações. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/18/19>>. Acesso em: 02 abr. 2017

EXTRA. **Refém de assalto na Tijuca diz que polícia fez o seu papel ao atirar em assaltante**. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/refem-de-assalto-na-tijuca-diz-que-policia-fez-seu-papel-ao-atirar-em-assaltante-339382.html>>. Acesso em: 19 dez. 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. São Paulo: Revista de Administração de Empresas, 1995.

KARDEC, A. **O que é o Espiritismo**: noções elementares do mundo invisível, pelas manifestações dos Espíritos. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

LAGE, N. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 2004.

MARCONI, M de A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINÁLIA. Música tema do seriado pé na cova. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6B9_rGNsPhw>. Acesso em: 17 dez. 2016.

MELO, L. L; VALLE, E. R. M. E a luz está se apagando...: vivências de uma criança com câncer em fase terminal. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 52, n. 4, p. 566-575, 1999.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OLIVEIRA, M. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisa em administração. 2011. Disponível em: <adm.catalao.ufg.br/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2016

PÉ na cova. Programa televisivo. Episódio de 07 fev. 2013. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/series/pe-na-cova/>>. Acesso em: 19 dez. 2016.

_____. Programa televisivo. Episódio de 29 set. 2015. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/series/pe-na-cova/>>. Acesso em: 19 dez. 2016.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006.

TV ANHAGUERA. Jornal da Anhanguera 1ª edição. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/jatv-ledicao/videos/>>. Acesso em 19 dez. 2016.

TV GLOBO. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/>>. Acesso em: 19 dez. 2016.

VIVER com fé. Programa televisivo. Episódio de 08 de maio de 2013. Disponível em: <<http://gnt.globo.com/programas/viver-com-fe/episodios.html>>. Acesso em: 19 dez. 2016.